

Resenha crítica da obra “A linguística geral de Ferdinand de Saussure”, de Valdir do Nascimento Flores

Critical review of the work “A linguística Geral de Ferdinand de Saussure”, by Valdir Nascimento Flores

CÉSAR MORAIS ROSA
Mestrando em Estudos Linguísticos (UFU)
E-mail: cesarmoraisrosa@gmail.com

FLORES, V. do N. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023. 160 p.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“É tempo de reler Saussure, sem dúvida”.
(FLORES, 2023, p. 151)

Esta é uma resenha da obra intitulada “A linguística geral de Ferdinand de Saussure”, cuja autoria é de Valdir do Nascimento Flores. A obra aqui resenhada foi publicada pela editora Contexto em 2023, em sua primeira edição. No que diz respeito à autoria dessa obra, reconhecemos que a formação e a experiência do autor contribuem para a condução dos temas sobre os quais ele se propõe a escrever. Nesse sentido, apresentamos, a seguir, o percurso acadêmico-profissional de Flores.

Valdir do Nascimento Flores¹ é professor titular de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui graduação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1990), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992) e doutorado em Linguística pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1997). Realizou estudos pós-doutorais na Université de Paris XII e na Université de Paris X. Foi professor visitante no Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM - CNRS/ENS) na França, onde ministrou cursos sobre a recepção das ideias de Saussure e Benveniste no Brasil. É membro do Cercle Ferdinand de Saussure, com sede em Genebra (Suíça), editor da editora Abralin e pesquisador CNPq.

A obra em exame está organizada em: **Apresentação; Sobre as fontes saussurianas utilizadas; Parte 1: O linguista e sua obra** – subdividida em Pequena biografia sobre Saussure e sua linguística geral, Ferdinand de Saussure: quantos existem?, Breve história das fontes saussurianas de linguística geral, A gênese da obra de linguística geral de Saussure; **Parte 2: A linguística geral de Ferdinand de Saussure** – subdividida em A linguística Geral, A linguística Geral de Ferdinand de Saussure, A

¹ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8959064517534406>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2676-3834>.

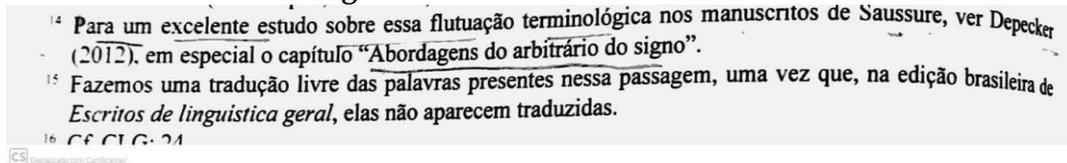
linguística saussuriana é uma teoria do sentido; **Apêndice: breve nota sobre Saussure e o estruturalismo; Referências; O autor.**

2 APRESENTANDO A OBRA

O livro trata de um apanhado geral de parte da produção teórica saussuriana. Desse modo, Flores começa salientando o objetivo central de seu trabalho: apresentar ao leitor brasileiro, de forma simples e didática, os contornos da linguística geral de Ferdinand de Saussure. Para isso, ele utiliza fontes de fácil acesso e privilegia, sempre que possível, o uso de bibliografia em língua portuguesa², de forma a auxiliar os estudos de linguistas e/ou de estudantes de Letras iniciantes.

Vejam, na representação imagética, o modo como o autor, no decorrer do livro, conduz o leitor, situando-o, a aprofundar-se em leituras que este julga necessárias para um melhor entendimento da produção teórica de Saussure.

Figura 1: Recorte da obra de Flores



Fonte: Flores (2023, p. 136).

Percebemos, assim, que há uma preocupação do autor em dar bases bibliográficas para que o seu leitor, após ter um esclarecimento basilar acerca de determinados conceitos teóricos, possa obter uma visão mais aprofundada da área.

Flores evoca o recorte feito por ele mesmo a fim de estudar a obra saussuriana, afirmando que há uma multiplicidade da produção intelectual de Saussure: questões filosóficas, literárias e das ciências humanas em geral. Nessa direção, ele traz à baila, em sua obra, um conjunto de argumentos que permitem delinear a linguística geral de Saussure. Outro ponto metodológico a ser destacado é a articulação³ que Flores propõe de dois livros póstumos presentes no mercado editorial: o *Curso de Linguística Geral* (CLG) e o *Escritos de Linguística Geral* (ELG).

3 AS FONTES UTILIZADAS

O autor constrói essa curta seção trazendo novamente o objetivo do livro que escrevera, o que nos parece uma excessiva justificativa para os possíveis especialistas da linguística saussuriana que o lerão. Entendemos que, se se trata de um público iniciante

² Quando Flores vale-se de bibliografia em língua estrangeira, sendo solidário com o público-alvo para o qual construiu o seu livro, ele preocupa-se em fazer a tradução livre.

³ Segundo Flores (2023), essa articulação consiste numa manobra arriscada em razão da crítica filológica especializada a respeito das marcas editoriais presentes nas edições por ele selecionadas. O autor, no livro, justifica essa tomada de posição.

e se, no início, já foi apresentado ao leitor o objetivo principal da obra, essa reiteração não se manifesta significativamente produtiva.

Logo adiante, ele elenca outra vez o fato de ter privilegiado, sempre que lhe fora possível, a utilização de bibliografia em língua portuguesa, estendendo esse critério às fontes saussurianas selecionadas, entre as quais se encontram *O Curso de Linguística Geral* (edição brasileira), *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*, de Robert Godel, *Cours de linguistique générale édition critique par Rudolf Engler* e *Escritos de Linguística Geral* (edição brasileira). Percebemos que o autor traz à tona informações acerca do sistema de referência às fontes presente no livro, das editoras etc.

4 PARTE 1: O LINGUISTA E SUA OBRA⁴

Neste bloco temático, Flores reporta-se, para guiar uma leitura mais aprofundada acerca da biografia de Saussure, ao trabalho de alguns estudiosos, sempre indicando ao leitor referenciais bibliográficos. Por se tratar de informações de ordem cronológica e em função do espaço, não vamos aqui referenciá-las. Entretanto, uma informação merece ser destacada: a data de morte de Saussure. No trabalho de Flores (2023), vemos que a data apresentada refere-se ao dia 22 de fevereiro de 1913 (cf. p. 21). Em contrapartida, na edição do CLG que adotamos para consulta (cf. SAUSSURE [1916] 2006), no “Prefácio à edição brasileira”, a data que nos é apresentada refere-se ao dia 27 de fevereiro de 1913. Julgamos curioso deixar isso em aberto.

Isto posto, mais adiante, encabeçando a subseção, quicá por um movimento que desperte atenção ao leitor, Flores indaga “Ferdinand de Saussure: quantos existem?”⁵. Ora, só existiu apenas um Saussure, por essa razão esse enunciado, aparentemente, causa certa estranheza ao leitor. O autor, por meio de marcadores interpretativos (o uso de aspas), nessa perspectiva, assume que “pode parecer estranho falar em ‘múltiplo’ Saussure, afinal de contas é sabido de todos os que se dedicam aos estudos linguísticos que o nome de Ferdinand de Saussure designa o fundador da linguística moderna” (FLORES, 2023, p. 23).

Em outra passagem, usando os marcadores interpretativos novamente, Flores acrescenta que “ouvimos falar em ‘mais de um’ Saussure já há bastante tempo” (Flores, 2023, p. 24). Com esse movimento, entendemos que havia um Saussure diferente para cada assunto sobre o qual o mestre genebrino se propôs a estudar. Nessa direção, em sua obra, Silveira (2007) recorre ao nó borromeano, de forma a atestar que Ferdinand de Saussure era um linguista que possuía muitos interesses de pesquisa e que todos eles, no percurso de elaboração teórica do genebrino, complementam-se, estão associados.

Nesse viés, ao avançarmos na leitura da obra de Flores, percebemos que o próprio autor reconhece que

⁴ Nesta resenha, optamos por não destacar as subseções desses grandes blocos temáticos, divididos pelo autor em partes, e sim referenciá-los no todo.

⁵ Em reunião de meu grupo de pesquisa, chegamos a discutir, com certa audácia, que esse enunciado, à primeira vista, causa-nos uma ideia de esquizofrenia.

admitir essa multiplicidade em momento algum significa dizer que há contradições, oposições ou mesmo contrassensos no conjunto da produção intelectual de Saussure. Nem mesmo implica ver uma hierarquia entre o que seria de ordem de uma suposta ciência linguística e o que seria de ordem de algo “acientífico”. Nada disso! Apenas estamos chamando atenção para o fato de que Saussure teve muitos interesses de pesquisa em sua vida, e que esses interesses nem são equivalentes entre si, nem produziram a mesma reflexão. São reflexões distintas, ainda que relacionadas (FLORES, 2023, p. 25).

Visto isso, Flores conduz o leitor a adotar um ponto de vista para analisar a produção teórica saussuriana, ratificando que temos o Saussure das lendas germânicas, dos anagramas, da linguística geral, da fonética, dos manuscritos etc., quer dizer, o mestre genebrino possui uma fortuna teórica vasta, com diferentes interesses de pesquisa. Pensamos que a construção dessa subseção, engendrada da forma como a apresentamos, deva-se ao fato de o autor ter de cumprir com o que chamamos de *exigências didatizadoras* em função do público-alvo a que seu trabalho se destina.

Depois, noutra subseção, Flores versa acerca da noção de obra em Saussure, afirmando que o recorte do conjunto da produção saussuriana adotado no livro é com relação à linguística geral de Ferdinand de Saussure, campo de pesquisa responsável pela notoriedade do genebrino no século XX, na linguística contemporânea. O autor destaca que a organização em torno da noção de texto autógrafo/apócrifo (o livro explica!) é um ponto importante para que o leitor compreenda o recorte selecionado⁶.

Flores apresenta as duas obras pelas quais Saussure é conhecido na cultura geral - CLG e ELG -, explicitando pontos que as aproximam e que as distanciam. Ambas as obras foram publicadas postumamente e sofreram interferências editoriais⁷ (embora de forma distinta). Portanto, elas tratam de uma autoria atribuída. O autor, aludindo a alguns estudiosos, traz a noção de formato de obra ao CLG e ao ELG, justificando o objetivo de seu livro, além de elencar que essas obras têm natureza diferente: uma é oral⁸; a outra, escrita.

Adiante, o autor traz em relevo a noção de *ensino esotérico* e *ensino exotérico*, de modo a apregoar que os ensinamentos de Saussure eram destinados a um público interno, a um público seletivo e especializado e que eles foram transformados numa obra aberta a outros públicos-alvo (e é a esse tipo de obra que o autor se volta para estudar a produção teórica saussuriana). Flores (2023) ainda afirma que “nada leva a crer que

⁶ Consoante Flores (2023), a linguística geral de Saussure é estudada a partir do ponto de vista específico da ideia de *obra* – ligada à presença editorial de Saussure.

⁷ No livro, o autor explica.

⁸ Flores refere-se aqui aos cursos de linguística geral ministrados oralmente por Saussure entre os anos de 1907 e 1911, em Genebra. Cursos esses que deram origem ao CLG por meio de um processo de editoração de dois colegas do genebrino: Sechehaye e Bally, com a participação de um ex-aluno dele: Albert Riedlinger.

Saussure almejasse a publicação massiva desse material. É inclusive conhecida a distância mantida por Saussure – sua ‘grafofobia’ (p. 36)”.

Parece-nos, todavia, mesmo sendo “grafofóbico”, que Saussure talvez tivesse o interesse de publicar algo a respeito de suas elaborações teóricas, visto o grande número de notas manuscritas descobertas produzidas por ele. Puech, em um de seus trabalhos, versa acerca das recepções do CLG na França. Nesse estudo, vemos que uma das recepções analisadas dá-se por intermédio da descoberta dos manuscritos⁹ de Ferdinand de Saussure a partir da década de 50. Acompanhemos com o autor:

Finalmente, quarta recepção: com o trabalho de R. Godel sobre as notas manuscritas do CLG (1957) e com a edição crítica do CLG de R. Engler (1968-1974), também com a edição crítica do Curso de T. de Mauro iniciou-se uma pesquisa filológica que está gerando, atualmente (Escritos de linguística geral 2002), uma dinâmica de “retorno” ao que seria o “verdadeiro pensamento” de Saussure, pensamento que surgiria de forma privilegiada em seus manuscritos (especialmente nas lendas germânicas e nos anagramas da poesia latina)¹⁰ (Puech, 2005, p. 96-97, tradução nossa).

Nesse ínterim, o grande número de notas manuscritas reunidas por organizadores em edições críticas permite-nos pensar que Saussure pudesse querer publicar sua teorização em dado momento.

Avançando na leitura, vemos que o autor relaciona as obras, com as quais está trabalhando, com a ciência: o CLG representa um todo homogêneo (redigido, editado) acabado, é uma ciência feita e pronta que faz parte das ciências ditas “humanas” de posituação de seu objeto, ao passo que o ELG representa um coadunado de notas manuscritas, que continuam sendo um rascunho, e não um livro acabado – trata de uma ciência se fazendo. Além disso, ele traz à baila as marcas editoriais que implicam a construção e a compreensão dessas obras.

Por fim, o autor apresenta brevemente a história das fontes saussurianas utilizadas que dizem respeito somente à linguística geral. Logo depois, tratando da gênese da obra de linguística geral, ele aborda o que mobilizou os editores do CLG e do ELG para a criação dos livros, para trazê-los a público, apresentando dispositivos complexos que não podem ser ignorados quando da leitura/interpretação de ambas as obras.

5 PARTE 2: A LINGUÍSTICA GERAL DE FERDINAND DE SAUSSURE

Neste bloco temático, na primeira subseção, Flores trata da linguística geral no tempo de Saussure, afirmando que já havia linguística antes de Saussure e que ela

⁹ O trabalho de Bouquet e Engler (2004), referenciado na obra de Flores (2023), compila grande quantidade de manuscritos produzidos por Saussure em diversas etapas de sua vida. Para acesso a eles, sugerimos a consulta.

¹⁰ Original: “*Quatrième réception enfin: avec les travaux de R. Godel sur les sours manuscrites du CLG (1957) et avec l’édition critique du CLG par R. Engler (1968-1974), avec également l’édition critique du Cours par T. de Mauro sont amorcées des recherches philologiques qui génèrent, actuellement (Écrits de linguistique générale 2002), une dynamique de ‘retour’ à ce qui serait la ‘vraie pensée’ de Saussure, pensée qui affleurerait de façon privilégiée dans ses manuscrits (en particulier sur les légendes germaniques et sur les anagrammes dans la poésie)*”.

continuou a existir depois dele. O que ele destaca é o marco que o genebrino instaurou¹¹ ao delimitar o objeto da linguística a partir de um ponto de vista semiológico. Esse movimento corroborou o estabelecimento de uma linguística “pré-saussuriana” e uma “linguística pós-saussuriana”.

A seguir, o autor salienta princípios do que ele considera o cerne da linguística, sempre com vistas à articulação do CLG e do ELG. Algo interessante que vemos aqui é a utilização dos aforismos saussurianos (como “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua” etc.) para encabeçar cada subseção, o que coloca o leitor em contato com os aportes teóricos de Saussure.

Assim, Flores apresenta a noção de ponto de vista, presente na elaboração teórica de Saussure, adotado; a delimitação de um objeto (a língua) para a linguística e as implicações decorrentes dele; o par conceitual língua/fala, atestando não haver exclusão do sujeito falante feita pelo mestre genebrino; a noção de língua como um sistema; o signo linguístico e seus princípios (arbitrariedade etc.); a noção de discurso presente nas elaborações saussurianas; a linguística sincrônica e diacrônica; a diferenciação da língua no tempo e no espaço etc., preocupando-se sempre em articular o CLG e o ELG e acompanhar, com o leitor, os movimentos da elaboração de Saussure. O autor, nesse ínterim, defende que a teoria de Saussure é uma teoria do sentido, que só pode ser compreendida no todo. Isso porque, para ele, Saussure funda seu pensamento na consideração do sentido linguístico, do valor semântico que uma língua pode adotar pelos seus locutores.

7 APÊNDICE: BREVE NOTA SOBRE SAUSSURE E O ESTRUTURALISMO

O autor aqui faz uma articulação das ideias de alguns estudiosos para afirmar que, em se tratando de algumas perspectivas, Saussure pode ser considerado o “precursor” do estruturalismo, atestando que não se deve reduzir ou simplificar as coisas, uma vez que a novidade cunhada por Saussure não é a estrutura, e sim a noção de sistema. Além disso, ele defende a ideia de que é necessário delimitar o que são “as ideias de Saussure” e o que são “as ideias derivadas de Saussure”. Para Flores, a produção de Saussure é uma teoria de sentido, de significação – língua como ligação de forma e sentido. Logo, a ideia estruturalista deriva de uma leitura do CLG – e a responsabilidade dela é de seus leitores.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a obra de Flores é muitíssimo relevante para o público-alvo para o qual foi pensada e construída, pois trata de uma leitura cuja linguagem empregada é objetiva e acessível e pode auxiliar imensamente os estudos iniciais de linguistas e de acadêmicos em Letras. Nessa direção, embora se pesem algumas estratégias discursivas em função de uma visão *didatizadora* dos pressupostos teóricos

¹¹ De acordo com Flores (2023), Saussure entra aqui, instituindo uma diferença em relação ao que se fazia, objetivando o questionamento do método e do objeto – a generalidade dos princípios da linguística.

em exame, reconhecemos que a forma articulada e didática do autor não oblitera a elaboração teórica saussuriana.

Por conseguinte, achamos prudente adotar Flores como uma leitura complementar, pois esta dará bases teóricas e referenciais bibliográficos suficientes para o prosseguimento nos estudos saussurianos. Recomendamos, assim, o trabalho de Flores aos estudantes de Linguística e de Letras.

REFERÊNCIAS

FLORES, V. do N. **A linguística geral de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Contexto, 2023.

PUECH, C. L'émergence de la notion de “discours” en France et les destins du saussurisme. **Langages**, Paris, n. 159, p. 93-110, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally; Albert Sechehay; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de Linguística Geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Trad. de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.